





AGRADECIMENTOS

Chegamos ao segundo número da Re-vista de Humanidades.

Anuncia-se o ano novo! Aproveitemos esta pausa na percepção da dinâmica do tempo para elegermos e colocarmos em prática as ideias que promovam o bem comum e resgate nossa própria humanidade.

Esta revista é concebida com o intuito de colocar esse desejo em movimento e, como propõe o seu nome, convocar nosso olhar em direção a humanidade para que possamos ver e decidir — mudando ou insistindo — a posição que ocupamos e ocuparemos nela.

É um lugar para o respeito, não aquele conservador, ao contrário: para o respeito à diversidade, aquele que se forja no reconhecimento da insondável dimensão do outro e barra todo tipo de fascismo. É uma miscelânea de arte, literatura e ciência, que se atualizará trimestralmente para além dos muros das universidades. Oxalá!!!

Publique seu texto conosco.



AGRADECIMENTOS MAIS QUE ESPECIAIS

Agradeço especialmente:

aos autores deste segundo número pela aposta no projeto;
a João Peçanha pelas muitas aulas sobre muitas coisas: Língua Portuguesa, edição de texto, tecnologia etc;
a Luiza Gravina pela dedicação na construção do site, do Instagram etc;
a Adriana Florêncio e Fabiana Dacache por serem as primeiras a apostar na Escola de Humanidades de Niterói;
a Thiago Diniz pela generosidade em compartilhar seu conhecimento tecnológico;
a Euclíio Silva — Cici —, companheiro querido, pelo apoio de sempre;
a Gustavo Duarte pela logo da revista.



[Conheça o trabalho dele clicando aqui](#)

FICHA CATALOGRÁFICA

Re-vista de Humanidades
Escola de Humanidades de Niterói.
n.1, set./nov. 2021
Niterói - Editora Rehum, 2021
n.2, dez.2021./fev. 2022
Trimestral
e-ISSN -

1.Humanidades.I.Título

Antonio C. B. Campos
Editora Rehum



A saga do Mandacaru

Enquanto a anos o Mandacaru fulora na serra.
Aqui na minha terra, mandacaru fulora frente o mar.

Quando me sento para lembrar da areia fina branca
e quente
E ouço um repente que põe a lembrar.

A flor-amarela ou rosada, que simboliza o sol e a
pele queimada
Daquele poeta que um dia por lá passou.

Terra rachada, seca a vermelhada, tal qual fulô.
Poeta de alma rasgada, pela seca e pela dor.

Mesmo em meio tanta de vastidão e pé no chão
Ainda cantou.

Mandacaru quando fulora na serra...aaa....



<https://www.artmajeur.com/pt/marianepires/artworks/1899641/mandacaru-em-flor>

Suor escorreu na testa e ele lembrou da linda
morena

Que um dia beijou!

O mandacaru a flor danada em meio espinho que
lhe inspirou
E a bela morena que ele um dia beijou.

Carrega no coração até hoje esse amor.

Fez toda terra cantar

A menina que suspirou, sonhou e quase morre de
tanto amor.

Plantou rente a janela aquela linda fulô

Pensando em seu amado, que partiu di pé em solo
rachado.

Caboco sonhador!

Foi caminhar pelo mundo com sua viola, cantando
seu amor.

E ela menina com todo cuidado do Mandacaru
cuidou.

Segue sonhando com mente avuando feito passu
cantador.

Quando sol chega ou se vai lá tá ela na janela, do
lado da fulô.

Ao primeiro tilintar do triângulo, o ronco do fole da
sanfona e a batida da zabumba que bate tal qual
seu coração.

A menina volta no tempo bailando ao som do Baião
Dança o xote olhando na serra aquele que impera
lá impera.

Simbolo do sertão!



Mandacaru que sua flor dura apenas uma noite e eu brejeira rodopio dançando prá meu zamor.

Ainda carrego na lembrança, meu pueta cantador.

Que fez pai correr pa seu dotô, achando que euzinha tavu duente de amor

Tava não, ainda tô!

Pois, meu pueta partiu, deu vorta ao mundo e nunca mais vortou.

Hoje na minha casinha ainda guardo esse amor

Sigo inté hoje cuidando do símbolo sagrado.

Do meu sertão que dá fulô

Mandacaru que da serra desceu

E ao mar chegou

Assim como meu zamor .

Ele mandacaru corre mundo ainda dando fulô.

E eu mesmo com tempo girando.

Guardo no peito esse tamanho de amor.



Katia Teixeira

Poetisa

